

Poucas UTI brasileiras seguem padrões internacionais

por Carlos Fioravanti
de São Paulo

De cerca de 7 mil hospitais brasileiros, 1,7 mil possuem UTI (Unidades de Terapia Intensiva). Destas apenas 60 se enquadram nos padrões internacionais, quanto a equipamentos, planta física, pessoal e documentação médica. É pouco, na visão de João Alberto Mattar, coordenador científico da UTI do Hospital São Luiz, que apresentou uma pesquisa com esses dados durante o I Congresso Paulista de Terapia Intensiva, que segue até amanhã. "Muita gente ainda morre nas UTI porque os hospitais não estão devidamente equipados", disse.

Em primeiro lugar na lista de internados em UTI, segundo a pesquisa de Mattar, estão os politraumatizados — são mais de 150 mil pacientes por ano, nessa categoria, respondendo por cerca de US\$ 1,5 bilhão de custos médicos. "Pelo menos, aprendemos a selecionar os pacientes que vão para a UTI, o que reduz os óbitos", comentou.

O Brasil tem um índice de mortalidade próximo a 25% nas UTI de hospitais gerais. Para Elias Knobel, médico-chefe da UTI do Hospital Israelita Albert Einstein, esse é um resultado tolerável, mas que poderia ser melhorado. Os esforços de melhoria passam necessariamente, segundo ele, pelo aprimoramento dos recursos humanos e técnicos, com equipamentos mais modernos fabricados tanto no País quanto importados. Hoje, existe uma indústria nacional de equipamentos médicos, formada por 160 empresas cujos produtos pretendem ocupar o lugar dos similares importados.

Contudo, menos de uma dezena dessas empresas desenvolve produtos específicos para UTI, pelas próprias peculiaridades do segmento. "Poucos empresários querem arriscar, porque o equipamento tem de funcionar na primeira vez, quando for ligado ao paciente", disse Milton Salles, diretor comercial da Intermed Equipamento Médico Hospitalar. Mas pode haver "bons resultados para quem insiste": a própria Intermed passou dois

anos pesquisando um respirador pediátrico neonatal, lançado agora numa exposição paralela ao congresso, já tem pedidos do México, Japão e Portugal.

O desenvolvimento das empresas nessa área passa quase sempre, antes de chegar aos produtos próprios, por uma representação de uma indústria multinacional. Para conquistar a autonomia, a primeira tentativa conduz à fabricação de equipamentos semelhantes aos importados, mas levando em conta as peculiaridades de uso da classe médica brasileira. Trata-se de um postura adequada, na avaliação de Knobel, para quem "nem sempre é preciso inovar".

Foi por esse caminho que seguiu a Ger-Ar, há doze anos representando os produtos da Bird Corporation. Quando os custos dos equipamentos importados ficaram altos no Brasil, a empresa partiu também para o desenvolvimento próprio — e depois de três anos concluiu o sistema IMV, de ventilação mandatória intermitente para uso em respiradores pressométricos, apresentado na exposição. Até o final do ano, segundo Dalton da Costa Cabral, diretor da Ger-Ar, a meta é atender às consultas que chegam de hospitais da Argentina, Uruguai e México.

Segundo Mattar, a indústria nacional, com tais esforços de nacionalização, começa a atender às necessidades da classe médica, embora ainda não possam ser dispensados os equipamentos importados. Para ocupar espaços crescentes, as empresas que fabricam equipamentos para UTI no Brasil investem em pesquisas.

A Dixtal Tecnologia, que apresentou como novidade o SDM 2000 A, um monitor de débito cardíaco, pressões arteriais, cálculos hemodinâmicos e respiratórios com um programa de computador que interage com um usuário, investe em desenvolvimento de novos produtos 30% do faturamento, que é de US\$ 500 mil por mês. Há planos de exportar ainda neste ano para Europa e Estados Unidos, disse Roberto Pereira Leite, gerente de marketing.

No caso da Intermed, uma empresa que só se firmou recentemente no mercado, quando o empresário Mario Amato entrou como sócio e financiou os projetos de pesquisa, segundo

Salles, os investimentos em pesquisa e desenvolvimento oscilam entre 17 e 18% do faturamento, que é de US\$ 6 milhões a US\$ 8 milhões por ano.